

IV Encontro Estadual Espírita do Interior do Paraná
Fidelidade Espírita – José Raul Teixeira e Maurício Roberto Silva
16.8.2001 - Cascavel
Perguntas e respostas

1.Raul, você fez alusão a esses modismos não espíritas: Apometria, Cromoterapia, etc... Em nossa cidade, está muito em voga na evangelização infantil, a evangelização dos Espíritos. Será uma nova técnica pedagógica?

Raul:

Primeiro, gostaria de dizer que essas técnicas a que me referi de Cromoterapia, Apometria, não são modismos. São técnicas. Só que não pertencem ao Espiritismo. Isso é que tem que ficar claro. Temos o hábito de tudo o que fala em Espíritos ser taxado de Espiritismo. Aí como é que vamos reclamar dos irmãos de outras crenças que dizem que bruxaria é Espiritismo, porque lida com Espírito. Porque nós cometemos esse mesmo equívoco. A questão é essa. Temos que colocar as coisas nos devidos lugares. Como lembrou Kardec que para novas ideias eram necessários novos termos, não devemos misturar Espiritismo com as outras coisas que, embora sejam espiritualistas, não são do bojo, da alçada, da competência do Espiritismo.

Com relação à evangelização de Espíritos, pelo que me chegou ao conhecimento, pelo que constatei, é uma técnica que surgiu no Triângulo Mineiro e que vem sendo aceita em vários lugares, de evangelizar dirigindo as propostas ao Espírito eterno. Se pararmos para pensar, a evangelização espírita ou a espiritização se quisermos, ou as aulas de moral cristã que vimos realizando nos Centros Espíritas ao longo desses anos todos, visa o quê? A quem se deseja evangelizar senão ao Espírito? Particularmente, às vezes, fico assim percebendo se não há uma redundância na questão de evangelização de Espíritos, porque ninguém faz evangelização de corpos, de matéria. Fazemos evangelização mesmo é de Espírito. Em função de ser uma técnica que honestamente não domino, não sei como eles trabalham essa questão. Sei pelo que li, que a proposta é dirigir-se ao Espírito, destacar os valores espirituais. Mas, o trabalho da evangelização, da tradição espírita também se destina a isso, trabalhar os caracteres das crianças, dos jovens, dos adultos, desde que nós estendemos esse termo evangelização para todos os necessitados de evangelização, que não são só as crianças, não são só os jovens. Resta aos interessados se assenhorear dessa técnica, dessa dinâmica, que trata da evangelização de Espíritos, para se certificar dos pontos de contato com aquele tipo de trabalho, que já vimos fazendo, que os Centros Espíritas, que o

Movimento Espírita vem fazendo há tanto tempo. Penso que não é uma questão de tirar o sono, tirar o fôlego, mas uma questão de nomenclatura, nada mais que isso.

2.Maurício, gostaria que comentasse um pouco sobre o uso, pelo evangelizador, seja para o público infantil, adolescente ou adulto, de obras não espíritas que, em determinadas situações, possibilitam um melhor entendimento da verdade, desde que devidamente trabalhados.

Maurício:

Não é exatamente uma pergunta, pois o autor faz aqui suas próprias colocações que são muito próprias. O uso da literatura não está restrito, na nossa tarefa espírita, aos livros espíritas. Todo o material que venha em contributo e que nos traga aquilo que estamos por buscar conforme o objetivo da aula, do trabalho, da pesquisa, que venha oferecer essa contribuição, ótimo. Tenhamos sempre o cuidado de fazermos a devida ponte, a devida adequação, sem deixarmos de ter fidelidade com o autor, inclusive fazendo as devidas citações de fonte.

Tomamos como exemplo alguns textos que são publicados no programa de rádio Momento Espírita e que depois vão para a Internet. O que vemos, num contexto geral, é que passado um tempo, aquele texto que estava na Internet assinado e retirado do site Momento Espírita roda, roda, e aparece como autor desconhecido. Em várias ocasiões, em escola em que participávamos como professor, de quando em quando, chegava uma mensagem que era utilizada numa festividade e que sabíamos ser de livro espírita. Mas não constava a autoria. O que estamos dizendo é que todo esse material do pensamento humano, que é rico, edificante, construtivo, que seja utilizado com a devida cautela de fazermos a devida ponte e sempre termos a fidelidade da ideia do autor para com os objetivos que estamos nos propondo.

Raul:

Na minha experiência de viagens e de prática de Centro Espírita, sou dirigente de uma Casa Espírita, temos visto quanta coisa boa tem surgido na literatura de maneira geral e que nos ajuda nos trabalhos de informação da Doutrina Espírita. Até porque a Doutrina não se fecha a essas questões, ou a esses textos que nascem em outros arraiais, nada obstante todo cuidado será pouco, no sentido que frisou nosso Maurício de ajustar ao pensamento espírita. Não posso trazer um texto de outra dimensão, de outra dinâmica, com casca e tudo, sem que eu trabalhe com o nosso público. Tanto que lançamos mão do Novo

Testamento, que não é um livro espírita e damos a interpretação espírita às passagens de Jesus. Verificamos que se isso se faz com o Novo Testamento, também com qualquer outro texto. Devemos pensar que estamos trabalhando a Doutrina Espírita. Não vamos adulterar texto de ninguém, mas vamos interpretá-lo à luz do Espiritismo.

Estive visitando um Centro Espírita em dada ocasião e cheguei num sábado à tarde, no horário da evangelização das crianças. Porque as salas ficavam num corredor extenso, passei por uma sala em que a evangelizadora falava um pouquinho mais alto. Ela dizia assim:

Deus criou o homem do:

E a criança:

Barro.

E fez a mulher da:

Costela.

Ela tirou isso do Gênesis bíblico, que nada tem nada a ver com o que pensa o Espiritismo. Não é uma ideia espírita. Lançamos mão desse texto quando queremos fazer um estudo comparado da versão espírita da versão bíblica ou de outras versões, sobre o surgimento do homem na Terra. Vale a pena que peguemos isso, mostremos como a Bíblia pensa, como os germânicos pensavam, como os incas pensavam, como os japoneses pensavam, como pensa o Espiritismo, porque estamos fazendo um estudo comparado.

Agora, usar na evangelização essa tese bíblica como sendo uma tese espírita, não justifica.

Temos que ter esses cuidados. Não é assimilar, é utilizar, trabalhar os textos que nos venham de outras fontes. A Doutrina é muito rica, mas encontramos um texto de um escritor comum muito importante, muito bom, fazemos os encaixes devidos sem adulterar o texto. A honestidade, a ética, de sempre nos referirmos na bibliografia, de onde saiu aquele texto. Não imitar o que o povo faz com as mensagens espíritas: gosta da mensagem, mas não gosta da fonte. Aí tiram-na, o que é uma grande covardia. Em respeito aos autores, aos direitos autorais, vamos sempre nos referir na bibliografia, nos nossos

trabalhos, àqueles textos e donde eles saíram. Isso é fundamental. Todo o cuidado é pouco na utilização. Se não sabemos usar, não usemos. Se sabemos como fazer a ponte, a transposição, não utilizemos, para não *juntar alhos com bugalhos*.

3. Como estimular as crianças para criar mentalidades heurísticas na evangelização infantil?

Raul:

Bastará não colocar as crianças sentadas ouvindo a titia falar. Temos que criar atividades para as crianças aprenderem a pensar. Cantamos uma musiquinha, depois pomos para desenhar o que a musiquinha está dizendo, pomos para interpretar.

Agora vamos fazer um teatrinho sobre o que a música está dizendo.

Ou apresentamos um teatrinho e depois:

Agora vamos fazer uma musiquinha sobre o que o teatrinho falou.

Então, estamos trabalhando na cabeça da criança a sua criatividade.

Desenhe aí o que a música falou, o que o teatrinho mostrou.

E a criança vai trabalhar.

Que cor você acha que tem essa música?

E vamos vendo o imaginário da criança para que lado vai. O trabalhar heurísticamente é não fazer um trabalho de doutrinação. Alguém senta e ficamos colocando coisas dentro da cabeça dela. O trabalho espírita tem tudo para ser um trabalho de recriação.

Damos uma dica, como dizia Paulo Freire – temos um tema gerador, um termo gerador – e a partir daí trabalhamos com a criançada, com a juventude ou com os adultos, o que é que eles pensam. Discutimos o que é que eles pensam, porque pensam assim. Depois dessa discussão, desse entrosamento, as criaturas não estão mais resistentes à ideia que elas discutiram. Elas concluíram e quando concluímos, não se esquece nunca mais. Há muitas músicas na evangelização de crianças, por exemplo, muito interessantes, mas

que o evangelizador não trabalha com a criança a música. Parece quando éramos crianças que aprendemos na escola o Hino Nacional. Cantávamos igual papagaio, mas não sabíamos o que significava. Hoje, depois de velho, vai caindo a ficha. Se perguntarmos o que é *mais garrida* do Hino Nacional será um vexame federal. Vejamos que aprendemos cantar o Hino Nacional sem entender o Hino Nacional.

Na evangelização, no trabalho espírita, isso não tem lugar. Tudo o que os espíritas disserem têm que estar entendendo ou não digam. O trabalho heurístico é esse trabalho da criação ou da recriação. Sempre que lemos um texto e o interpretamos, estamos recriando-o. Estamos discutindo com o autor do texto e retrabalhando esse texto. Quando lemos uma pergunta de *O livro dos Espíritos* e dizemos com nossas palavras, é um trabalho heurístico. Estamos dizendo a nossa versão daquilo que lemos. Quando lemos um texto evangélico, no Centro Espírita, e começamos a explicá-lo - é um trabalho heurístico. O que fiz menção aqui é quando lemos a pergunta e a resposta.

Que maravilha, como é bonito, graças a Deus.

Aí vamos para outra, não trabalhamos, não aproveitamos o que aquele texto tinha para oferecer. A Heurística se propõe a que aprendamos a ampliar, a criar, a revisar e isso nos faz crescer. Estamos entendendo, estamos acompanhando, podemos dizer isso de outra maneira, podemos dizer de trás para frente, de frente para trás. É um trabalho heurístico, de criação. A Heurística é a ciência da descoberta. Descobrimos naqueles textos o que é que eles têm de Espiritismo, em que eles ajudam o pensamento espírita. É um trabalho heurístico. Daí essa importância de começarmos, de fazermos isso no trabalho com as crianças desde cedinho. Seria bom que isso fosse feito nas escolas formais e na escola informal, no Centro Espírita.

4. Se devemos, no Centro Espírita, trabalhar com Espiritismo puro, genuíno, que fazer quando há trabalhadores que trazem ao Centro Espírita atividades extra- doutrinárias? Por exemplo: festa de São João, Páscoa, Papai Noel?

Maurício:

Creemos que há uma inversão de foco. Não somos nós que trazemos algo para dentro do Centro Espírita. O dirigente é quem permite. Ou o Centro tem uma direção doutrinariamente segura ou não tem. O fato de encontrarmos determinadas festividades que se apresentam para a sociedade, inclusive para

as crianças, nossos filhos nas escolas, isso não impede que no Centro Espírita, aliás, até se recomenda, faça com que despertemos o entendimento, aclaremos o entendimento dos nossos trabalhadores, pais, filhos, a fim de que eles saibam o que está sendo feito. É o que acabou de dizer Raul. O entendimento daquelas festas, até para que não fique uma situação de que está proibindo, em absoluto. O que precisamos é fazer o esclarecimento. Variadas festividades que estão na sociedade não têm relação com o Espiritismo.

O Natal, por exemplo, vem se apresentando para a sociedade com a figura do Papai Noel, que é uma criação dos comerciantes para atender os seus interesses. O Natal, de forma efetiva, para todos os cristãos deve estar calcado tão somente no nascimento de Jesus. Começamos a fazer a separação para o entendimento, a partir de nós alcançando os nossos.

Assim, não só no Centro Espírita vamos saber o que está acontecendo, quando é que algo venha se dar, também, principalmente, nas escolas, na sociedade, enquanto estivermos participando, pois que há bons espíritas que não deixam de ovacionar Papai Noel.

No seu Natal, no seu dia de comemoração, esquecem completamente o aniversariante. Todo mundo é presenteado, é atendido, boas comidas, boas bebidas e o aniversariante não é nem convidado e nem lembrado naquele dia.

O processo é de discernimento. Não trazemos para dentro da Casa Espírita as questões que são sociais, as questões que não dizem respeito ao Centro Espírita. Fazemos o devido esclarecimento. Não estamos impedidos de viver em sociedade. Temos que aprender a viver em sociedade.

Repetimos o início para fixar um ponto que consideramos o início de muitas disfunções no Centro Espírita: há dirigente espírita que não conhece Espiritismo. Damos a direção feita por um cego conduzindo outros cegos. Encontraremos muitas invencionices que destoam, que distorcem, que causam dissensões.

Voltamos ao ponto de: *Eu acho que devemos fazer a festa. Vamos fazer o velório no Centro Espírita. Vamos.*

Tudo em função de *eu acho*. Algumas das atividades aqui tratadas merecem ser esclarecidas como a Páscoa, na sua origem judaica, que veio a ter um

sincretismo com o Catolicismo, em função das ocorrências com Jesus, que se deram na época da Páscoa.

É uma festividade. hoje, no lado cristão eminentemente católico. Na sua origem é uma festividade que permanece sendo do povo judeu. Observamos que o que nos falta realmente é o discernimento. Expliquemos às crianças para que não se sintam discriminadas pela ignorância, porque os pais não sabem e não ensinam. Que os Centros Espíritas saibam e ensinem, inclusive aos pais.

Raul:

Desejo pegar um link nessa resposta e lembrar que as Escolas fazem, com os alunos, um trabalho de cultura, e muitas dessas festas fazem parte do calendário cultural de muitos povos: a vaquejada, o Natal que é internacional, pelo menos nos povos cristãos, não é do Ocidente... As festas juninas, que se propagaram muito no Brasil, principalmente nas terras do Sudeste, do Nordeste, e isso levaria o evangelizador a fazer um trabalho muito bonito de esclarecimento. Como lembra Maurício a importância de ensinar aos pais, às crianças, aos jovens. Aproveitar a data para fazer o estudo a respeito, por exemplo, do que é o Natal. Não estamos dizendo que as pessoas não tenham que gostar de Papai Noel, que o Espiritismo é contra Papai Noel. Não é isso. O que mostramos é que o Natal de Jesus nada tem a ver com Santa Claus, nada tem a ver com Papai Noel, essa figura forjada para o comércio.

Quando falamos da Páscoa, excelente oportunidade de estudarmos a História do povo judeu. Podemos fazer aquela semana ou aquele mês, todas as aulas falando sobre aquela luta do povo judeu para sair do jugo egípcio. E esse *pessach*, essa passagem caracteriza o dia da libertação, em que Moisés saiu com o povo do Egito atravessando o Mar Vermelho. Isso é cultura. Cultura bíblica, cultura histórica, sem que os espíritas tenhamos que aderir às comemorações de Páscoa.

Vemos na evangelização, a distribuição de ovos para as crianças e saem todas pintadas de coelhinho. A escola comum pode e deve fazer isso, porque ela tem uma proposta social de inserir a criança naquela sociedade. Nosso projeto espírita não é esse. Não é de inserir ninguém na sociedade, desde que estamos inseridos na sociedade. A proposta do Centro Espírita é ensinar Espiritismo, para que vivamos melhor. Partindo das propostas, entenderemos porque a Escola Espírita não tem que copiar o que a escola comum faz. Muitas evangelizadoras são professoras e elas querem fazer a mesma coisa com as nossas crianças [do Centro Espírita], porque não conhecem o projeto da escola

de evangelização. Elas não sabem qual é o objetivo da evangelização da criança no Centro. Se elas souberem vão falar daquela data, vão fazer ponte com o que ela viu na escola.

No dia do índio, em todas as escolas fundamentais, as crianças vêm pintadinhas, com penachos. É bonito vermos, na escola. Na evangelização, não. Vamos falar dos nossos índios? Vamos. Faazemos um estudo para a criança, para o jovem, para o adulto, sobre evolução, sem entrar nos meandros difíceis, mas falar da evolução do Espírito, que passamos pelas diversas faixas de evolução, que o homem tido como civilizado de hoje já viveu como indígena, viveu na tribo, foi antropófago. Aproveitamos a motivação e usamos o chamado método psicológico de abordagem. Quando usamos algo que é do interesse de todos ou que está na ordem do dia, na pauta do dia, para estabelecer um determinado aprendizado, podemos tirar muito proveito.

Nossa preocupação, que desejamos deixar clara é que não ponhamos na cabeça que o Espiritismo é contra essas festas. Se estamos nas épocas juninas, fica o mês inteiro de junho, entra em julho comemorando Santo Antônio, São João, São Pedro, Sant'Ana. Por que não estudamos com o nosso povo espírita sobre esses vultos? Sobre Antônio de Pádua, um missionário. Têm fatos espíritas envolvendo Antônio de Pádua. Por que esse Antônio de Pádua é o mesmo Santo Antônio de Lisboa? Mostramos que ele nasceu em Lisboa e foi para Pádua, na Itália; a ligação dele com São Francisco, quando ele se encontrou com Francisco. É bonita a vida dele. Tem fatos lindíssimos. Ele fazia as palestras na sua Igreja, em Pádua, e, numa época que não existia microfone, todos os castelos e palácios da região ouviam-no pregar como se um microfone invisível fosse instalado naqueles lugares.

Quanta coisa podemos trabalhar e explorar. João, o precursor de Jesus. Por que ele foi chamado Batista, donde veio o batismo? Podemos trabalhar para tirar tolices da cabeça dos nossos trabalhadores espíritas, nossos frequentadores. Onde surgiu o batismo? Quem eram os Baptas, os sacerdotes gregos que mergulhavam as pessoas antes dos cerimoniais? João foi chamado o *Bapta*, aquele que emergia e depois de *Bapta*, *Baptista*, que chegou à nossa linguagem como *Batista*, mas em grego era *Bapta*.

E Pedro: *Tu és pedra e sobre essa pedra erguerei a minha Igreja*. O que significa isso no Evangelho? Fazer um estudo dessa expressão de Jesus à luz do Espiritismo, os fatos que envolveram Pedro com Jesus: *E tu Simão, quem dizes que Eu sou?*

Senhor, tu és o Cristo, filho de Deus vivo.

Bem-aventurado, Simão, porque não foram nem o sangue, nem a carne que te revelaram, mas foi Meu Pai que está no céu.

Logo mais, Pedro diz algo equivocado e Jesus Cristo: *Vai de retro, Satanás.*

Numa hora louva Pedro, noutra hora manda que o opositor se afaste. Estudar as influências espirituais. Num momento Jesus dizia que foi o Pai que está no céu que influenciara Simão. Noutro momento, Simão estava em outra sintonia espiritual, olha que estudo bonito!

Então, usamos o período das festas juninas e estudamos maravilhosamente a vida desses vultos. Irmão X tem várias páginas falando a respeito de Pedro, das suas lutas, da sua dimensão humana, o seu ciúme. Ele era mais velho, tinha ciúme de João, de Tiago menor.

Estudarmos tudo isso: quanta beleza! Não precisamos pegar as crianças no Centro Espírita vestir de sinhazinha, de noivo, de noiva, porque a escola comum vai fazer. É bonito lá. Vamos assistir a criança vestidinha de prenda, de roceira, de dente pintadinho, de costeletinha. Tiramos retrato do nosso bichinho.

Mas o Centro Espírita tem outra proposta. No Centro Espírita deve ser diferente. Vejamos como o nosso trabalho é todo em cima da coerência, da fidelidade, da lucidez. Por isso é que fizemos questão de pedir esses minutos para *amarrarmos* isso e entender porque respondemos assim. Isso tem uma razão de ser dentro da Coerência Espírita, que estamos tentando deixar claro.

5.Raul, você comentou ontem que o espírita deve buscar lucidez através do estudo. Como desenvolver e levar também essa lucidez aos assistidos materialmente carentes?[A pessoa se refere aos trabalhos de sopas distribuídas nos bairros de pessoas carentes onde nada se fala sobre a Doutrina Espírita, nem mesmo se faz o Culto do Evangelho.]

Raul:

Essa é uma omissão imperdoável. Ontem citamos Jesus Cristo conversando com Judas, na hora em que Maria de Magdala arrebenta o vaso de perfumes para lavar os pés do Mestre e os enxuga com os próprios cabelos. Era à época

o perfume mais caro, um perfume de origem indiana que se utilizava na Judeia, era importado. Chamava-se Água de Nardo, o nardo indiano. Judas, que era o tesoureiro do grupo, disse: *Senhor, ela está estragando perfumes caros, que poderíamos vender e reverter para os nossos pobres.* Jesus respondeu: *Judas, os pobres sempre os tereis. Essa mulher me presta uma homenagem. Quanto a Mim, nem sempre Me tereis.*

Verifiquemos que Jesus Cristo disse que os pobres sempre os tereis, porque vamos encontrar essas criaturas acertando suas vidas com a Lei, se acertando diante da Lei de causa e efeito, durante todo o período em que a Terra for mundo de provas e expiações. O importante é que nós não percamos a oportunidade de deixar com elas o que ninguém deixa. Dar gêneros as sociedades governamentais dão cesta básica. O que vamos dar é o conhecimento básico, desde que o Centro Espírita é o educandário básico da mente popular. Se explicamos a uma pessoa que sofre porque sofre, ela não se revolta mais. Ela vai trabalhar por libertar-se. Se explicamos a uma pessoa enferma as razões espirituais das doenças, ela vai trabalhar para não tornar a adoecer, para que não lhe aconteça coisa pior, como dizia Jesus.

Então, podemos levar a sopa à comunidade carente e gastar dez minutos, uma drácea de informação doutrinária, sem que precisemos usar os jargões espíritas que eles não vão entender. A transubstanciação eles não vão entender. Mas se dissermos: *Todos temos que nascer de novo. Voltamos ao corpo outra vez para os acertos com a nossa consciência, com nosso mundo íntimo, para iluminar o coração, para esclarecer nossa mente e louvar a Deus pela nossa vivência. Isso não é pecado, isso não é proibido.*

Se damos o pão do corpo que vai acabar e daqui a pouco a pessoa tem fome de novo, porque não dar o pão da alma que mata a fome para sempre, que sacia para sempre a sede do coração? Às vezes, nós, os espíritas, erramos por omissão e justificamos: *Tem muita gente que não é espírita.*

Mas ela veio buscar recurso no Espiritismo. Por que não foi na Igreja pedir ao pastor? Por que não foi na Igreja pedir ao sacerdote? Por que não foi ao terreiro pedir ao pai de santo? Por que veio ao Espiritismo, se não há acasos na vida?

O Espírito Emmanuel nos diz que quando alguém penetra os arraiais espíritas pela primeira vez, é porque está chegado o momento dessa criatura receber as informações que o Espiritismo tem para dar.

Há muitos anos, nossa Casa realiza um trabalho numa favela de Niterói. Quando chegamos, encontramos um quadro dantesco, de mães jovens, de mulheres jovens, que engravidavam e queriam abortar os filhos. Começamos a fazer esse trabalho de esclarecimento, de aclaramento, que durou dois anos. Só conversa, sem dar nada. Não dávamos lanche, nada. Davamo-nos. Fazíamos curativo nas crianças, nos adultos, conversávamos com as senhoras, púnhamos sentados os homens que apareciam, porque eles são muito ariscos nesses ambientes. Conversávamos, falávamos da vida. Mais de umas três ou quatro crianças, não estou bem certo se foram três ou quatro nesse período, as mães queriam abortar. A notícia nos chegava e íamos conversar com elas, explicar o que era o aborto. Elas arregalavam os olhos, porque sempre escutaram dos católicos, de todos, que até três meses não tinha problema. Era só uma carinha. Dizíamos que não, que, desde o momento em que o homem se ligava à mulher, falava na linguagem deles, não dizia desde a união dos gametas, não, desde que o homem se relaciona com a mulher e que ela fica grávida, tem um serzinho espiritual ligado ali.

Seu filho pulsa nas suas entranhas. Se você for ao médico, você vai escutar o coração dele bater. Ele é um ser vivo e você não pode tirar seu filho do único lugar que ele precisa estar seguro, que é seu ventre.

Íamos sensibilizando aquelas mulheres. Muitas jovens choravam, choravam. E nós nos comprometíamos: *Você deixa seu filho nascer que nós o manteremos até os dois anos de idade. Vamos lhe dar tudo.*

Porque com dois anos ela poderia levar para creche, deixar em algum outro lugar. Cumprimos a palavra. Hoje são rapazes e uma moça. Essa semana, uma de nossas companheiras encontrou-se com o rapaz no ônibus, ele olhou para ela e disse: *Tia Elaine.*

Ela olhou aquele rapagão bonito, de gravata. Ele deu um retrato para ela, com dedicatória atrás. Casado, com filho, trabalhando numa empresa do Rio de Janeiro. Uma daquelas crianças que não deixamos morrer. Elaine disse:

Raul, comecei a chorar no ônibus.

A emoção. Tem algo que nos gratifique mais? Não tem.

Um daqueles meninos da favela, encontramos na rua, quando paramos de trabalhar lá por imposição do Governo. Ele engraxando sapato e só tinha graxa marrom. Meu sapato era preto, falamos:

Engraxa assim mesmo.

Sáímos com sapato furta-cor. Queríamos sentar, conversar com ele enquanto engraxava. Um dos nossos meninos. Não foi para o roubo, não foi para a droga. Pegou uma caixinha de madeira e foi engraxar sapatos na rua. O que é que nos gratifica mais?

Aquela centena de pessoas que tomaram sopa, comeram nossas comidas, não sabemos onde estão. Mas esses meninos são documentos vivos dizendo a Jesus: *Olha, Senhor, o que Tu és capaz de fazer por nossas mãos.*

Desse modo, não vamos perder a chance de falar a essas pessoas, de dizer-lhes o que a gente aprendemos do Espiritismo. Quem não é espírita, é espiritualista e essas lições que aprendemos em *O Livro dos Espíritos*, ele tem no pórtico *Filosofia Espiritualista*, podem ser levadas a qualquer religioso espiritualista. Não percamos essa chance. Digamos com simplicidade, conversemos, não solenizemos nada. Ali sentados, costurando com essas pessoas.

Levávamos essas senhoras gestantes para ajudar a tecer a roupinha do seu filho. Não púnhamos os espíritas costurando para depois elas receberem o enxovalzinho. Isso é um paternalismo horroroso. Nós as convidávamos para que elas aprendessem a fazer e tivessem alegria de estar costurando para seu filhinho.

Então, íamos falando da criança, do que era o filho, da responsabilidade, porque Deus nos permite receber os filhos. Elas choravam. Nunca ninguém lhes havia falado assim. Arranjávamos para elas irem ao médico. Ele via, auscultava: *Toma vitamina tal.*

Mas ouviam falar do seu filhinho. Algumas passavam as mãos na barriga, não conseguiam sopitar o desejo de passar a mão na barriguinha. Quanta coisa o Espiritismo pode fazer pela Humanidade. E nós, espíritas silenciosos, guardando esse tesouro escondido. A luz tem que ser posta acima do velador e não debaixo do módico, como propõe o Evangelho.

6. *Maurício você citou várias atividades da Casa Espírita. Na tarefa do atendimento fraterno qual seria o tempo ideal para atender a cada pessoa?*

Maurício:

O atendimento fraterno tem várias ordens de grandeza no que o tempo não está tendo a condição primordial. Nosso Senhor nos atende fraternalmente há milênios, não estabeleceu um tempo. Numa outra ordem de grandeza, o atendimento fraterno daqueles que estão trabalhando na Casa Espírita, os trabalhadores, os que estão participando conosco, os frequentadores da Casa, também recebem esse atendimento sem tempo determinado. No entanto, para um diálogo, para aqueles que chegam por primeira vez ou mesmo aqueles que já estão na casa e nos apresentam as dificuldades, é o tempo que for necessário para oferecer as informações que o momento pede. Não tenhamos nunca a pretensão de resolver os problemas alheios, quanto mais querer orientar os problemas alheios num tempo determinado.

Eu tenho cinco minutos para conversar com cada um.

E ficamos controlando: *Terminou o tempo, não posso falar mais.*

Não funciona assim, funciona o bom senso, até porque uma palavra que deixemos de oferecer em nome da orientação pode ser exatamente a palavra que precisava. Ou então se ficarmos tagarelando demais, acabamos falando muito e não orientando o necessário. O diálogo fraterno, esse atendimento é para ouvir. Aquilo que vem por pedido de socorro, quase todos eles velados, que sejam por nós identificados e orientemos as pessoas para que venham receber da Casa Espírita, na sequência do tempo, a orientação que se faz mais precisa, o consolo que se apresenta.

Assim, o tempo do atendimento, a bem da verdade, caberá à pessoa, porque ela vai se permitir ser atendida, ela estará dando à Casa Espírita a oportunidade de auxiliá-la, mas ela também tem que se oportunizar o auxílio.

Quem não quer ser auxiliado não temos o que falar. Assim, não se estabelecer um tempo para a conversa, mas o bom senso vai nos dando em cada caso os parâmetros necessários. Muito cuidado com esse encartilhamento que muitas vezes se pretende na Casa Espírita, quando recebemos orientações e que são dadas pelas Casas. A própria Federação nos dá uma estrutura de uma atividade e ali estabelecemos algum tempo, não é uma situação fixa, é para dar uma noção da estrutura e de uma temporalidade.

De repente a pessoa lê e interpreta: *Aqui está dito. Tem que ser cinco minutos.*

O que vem é orientativo, é para nós um parâmetro para que tenhamos uma noção de planejamento. Para o atendimento fraterno, o diálogo, no sentido em que a pergunta aqui foi feita, é como nós conversarmos com nossos filhos, como estabelecer um tempo.

Eu tenho só esse tempinho para orientar.

Não, demos tudo o que é preciso. Vamos orientar, vamos sugerir aquilo que se faça para o momento o ideal e assim o convívio vai nos oferecendo e a experiência vai nos permitindo poder cada vez mais melhorar, ampliar e aprimorar o bom senso.

7.Raul, está de acordo com a fidelidade doutrinária, um expositor espírita participar como dirigente de um movimento de greve trabalhista em seu local de trabalho, inclusive dando entrevista a rádios?

Raul:

O trabalhador espírita é um cidadão inserido na sua comunidade. Um movimento de greve justificado é perfeitamente coerente, um movimento de greve político apenas para fazer picardia às autoridades é disparatado. Todas as vezes que alguém fizer greve ou participar de movimentos de greve, deve estar consciente de como é sua participação, porque há greves e greves.

Há greves que não deveriam existir. Há greves que são necessárias. Então, desde aqueles dias distantes da famosa *Place de Grève*, em Paris, ao tempo de Marx, de Engels, ainda há muito pouco entendimento no que diz respeito à greve. Para toda e qualquer situação difícil a única apelação das pessoas é a greve. Ficamos imaginando se estivermos com um filho doente, uma mãe doente, ou nós mesmo e formos ao Pronto Socorro. Os médicos estão em greve: morremos, o filho morre, o parente morre. Que sentimento nos anima? Imaginemos o pobre que vem lá do interior para trabalhar na cidade e os choferes de ônibus fazem greve. O patrão dele não anda de ônibus, os ricos não andam de ônibus. São os pobres e não nos damos conta disso. Judiamos dos grupos minoritários ou dos grupos mais incapazes socialmente, porque nos achamos com direitos. Temos direitos. O governo não nos atende, então o povo é quem paga. Precisamos amadurecer nossos conceitos de greve. Se

somos o professor, vamos fazer uma greve com ocupação. Levamos as crianças para a escola, os jovens para a escola, trabalhamos um trecho do dia e discutimos com a comunidade, com a família, mostramos os holerites. Mostramos, para que a sociedade participe conosco.

Queremos fazer greve, trancamos a rodovia e quem está doente, quem vai para o hospital, alguém que está sofrendo do coração e precisa ser internado, alguém que tem um compromisso, não transita. Quer dizer, o egoísmo nosso nos manda fazer uma greve de qualquer jeito. Se trabalhamos numa empresa e queremos punir o patrão, levamos os pobres no ônibus e abrimos a catraca.

Ah, mas aí eu perco o emprego.

Então, o nosso negócio não é justiça social. É o nosso interesse pessoal, porque eu podemos perder esse emprego, ganhamos outro. Mas a nossa consciência nos liberou porque não prejudicamos a ninguém. Imaginemos saber que dezenas de pessoas desencarnaram, pioraram, tiveram que ser operadas porque estávamos em greve por melhores salários.

Naturalmente, que vamos responder por tudo isso. Um dirigente espírita, um trabalhador espírita, pode participar de uma greve, pode, mas ele tem que ter consciência. Tem que levar esse discurso ao seu grupo. Vamos pensar como é que poderemos diminuir os prejuízos do povo. Quando nós, professores das escolas públicas fazemos uma paralisação de greve por tempo indeterminado, a quem estamos prejudicando? Os filhos dos ricos não estudam em colégios públicos. Estamos arrebatando a massa. Aí reclamamos da ignorância coletiva.

Quando acaba a greve, damos a matéria de qualquer jeito, porque também não podemos perder as férias. Então, temos sido muito egoístas até no trato das questões sociais. Repetimos, a greve pode ser um direito e é. No Brasil é legal. Os tribunais julgam se ela é legal, é ilegal.

Mas, existe para o espírita um lado muito importante a considerar, o de que nem tudo que é legal, é moral. Estamos vivendo no Brasil de hoje um regime de desobediência civil. A lei diz que a greve é indevida, é ilegal e o povo continua em greve. Vejamos que a Justiça perdeu a autoridade, porque não tem quem a faça cumprir. Antigamente, quando era julgada ilegal, todo mundo voltava. Agora, não. Vão até as últimas consequências. Temos visto, no Brasil, a polícia parando, serviço essencial, o serviço médico legal!

Não estamos entrando no mérito de quem é responsável, quem é culpado por isso. Não estamos procurando culpados. Estamos analisando situações sociais para que nós, espíritas, pensemos nisso. Podemos participar de greve, mas como vamos participar? Se há assembleias, podemos falar. Demos nossa opinião, ainda que sejamos vaiados. De modo que temos que ter esses cuidados, esses critérios. Se temos certeza do que significa reencarnação, temos que ter cuidado entre o que é legal e o que é moral. Onde estamos: com a legalidade ou com a moralidade?

Nos Estados americanos em que o aborto é legal, eles não estão cometendo crime nenhum pela lei humana daquele Estado. Mas, pela lei da consciência, sim. Matar é sempre crime, ainda quando legalizado. Quando o Estado mata, a pena de morte, é crime. Os responsáveis terão que dar conta à Justiça divina, à lei da consciência, porque o Estado faz aquilo que não quer que o cidadão faça. Pune o cidadão com a morte, o cidadão que matou. Vejamos a incoerência.

Vamos pensar nas nossas greves com um pouco mais de pé no chão e a cabeça voltada para as estrelas. Vamos errar menos e não vamos deixar de participar dos movimentos sociais legítimos e morais. Isso é importante para nós.

8.Qual seria o objetivo da nossa reencarnação em uma família refratária ao Espiritismo, desde que isso nos cria muitas dificuldades para o nosso envolvimento maior com a Doutrina?

Raul:

É muito bonita essa questão. Encontramos centenas de pessoas reencarnadas numa família espírita que não querem saber do Espiritismo.

Ah, minha mãe é metida nisso aí. Meu pai é. Tenho uns irmãos...

E aquela pessoa não quer saber. Aí ela retorna na situação oposta. Quer, anseia e a família não crê no anseio dela. Rapidamente vou lhes contar uma situação que conhecemos de perto.

Hospedamo-nos numa Fazenda no interior de Minas Gerais. Os donos eram e são nossos amigos até hoje. Eu era mais moço e conheci um primo da nossa anfitriã, um jovem alto, loiro, parecia um gaúcho, embora fosse mineiro. Olhos claros. À época, ele estava com dezessete anos e, porvezes, era tomado

por coisas espirituais, caía num transe, perdia a consciência. Através da nossa amiga, a mãe desse rapaz ficou sabendo que aquilo tinha todos os traços de ser um problema espiritual. Mas ela tinha muito medo do marido, que não acreditava em nada. Um dia, propôs ao marido a possibilidade de levar o filho a um Centro Espírita, onde a prima frequentava. Ele disse que preferia ver o filho morto a se meter com questões espíritas e a mãe não teve coragem de dizer:

Mas eu vou salvar meu filho.

Nem o rapaz, de dezessete anos, teve a lucidez de dizer: *Eu vou por minha conta.*

A garotada faz sempre o que quer. Vejamos como todos estavam presos à questão da culpa interna. O rapaz fez dezenove anos e as crises pioraram muito. Eu ia lá todos os anos e fui acompanhando a história. O pai mandou operar o rapaz, fazer uma lobotomia, extirpação de uma parte de um dos lobos para acalmá-lo. Só que ele ficou pior. Ficou agressivo, o que não era antes. Vejamos, tirou a parte do lobo e ficou agressivo. Foi engordando e passou a ter uma agressividade dirigida contra sua mãe.

Três anos depois o pai mandou fazer outra cirurgia, tirar outra parte. Então ficou aquela posta humana sobre a cama engordando sempre. Aquele homem enorme com vinte e poucos anos.

Eu perguntava: *Meu Deus o que é isto? Então uma pessoa renasce na porta do Centro Espírita e não tem acesso a ele. Não pode entrar no Centro Espírita.*

Era alguém que agredira demais a mediunidade, os médiuns, o Espiritismo. Depois os Espíritos me disseram que tinha sido um pastor evangélico. Ele não nasce numa família evangélica, porque os pais orariam por ele, mesmo sem levá-lo ao Espiritismo. Orariam, imporiam as mãos e ele alcançaria bênçãos. Ele nasce numa família de pai materialista e de mãe omissa. Hoje, bem idosa, bastante madura, e o filho não desencarnou, tem mais de cem quilogramas, vive na cama. De olhos parados, vegetando. Foi parar nas mãos que não lhe permitiram socorro do Centro Espírita, em frente à sua casa. Atravessava a rua, a praça, o Centro Espírita.

Prefiro vê-lo morto. E tanto a consciência dele gritava que não tinha a audácia de desrespeitar o pai e ir, se não fosse ali naquela cidade iria em outra. Os jovens dizem que vão em tal lugar e vão em outro, mas ele não ia e a mãe, todos ficaram submetidos ao medo da mão firme do pai.

Então, há casos e casos. Muitos hoje renascem numa família não espírita e que não aceita a adesão ao Espiritismo. Sem dúvida alguma, se trata de alguém que não valorizou ontem o Centro Espírita, a Casa Espírita, o trabalho espírita e agora vem com a decisão de lutar. Digo sempre a essas pessoas:

Não brigue com sua família. Viva o Espiritismo, porque eles vão perceber que você mudou. Vão perceber que você é outra pessoa. Vão ficar brigando sozinhos.

Conheço outros tantos casos que as pessoas fizeram isso, trataram de viver o Espiritismo que acreditavam e, aos poucos, foram levando a família. A mãe se sensibilizou, foi lá ver, foi assistir uma palestra e passou a frequentar.

Maurício:

Enquanto Raul respira um pouquinho, temos uma mensagem em vídeo a ser reproduzida. Por gentileza, pedimos que olhem uns minutinhos. Depois, teremos as considerações finais e o encerramento.

*Em meio da grande noite...
É necessário acendamos a nossa luz...*

*Seja Allan Kardec,
Não apenas crido ou sentido,
Apregoado ou manifestado,
A nossa Bandeira,
Mas...
Suficientemente vivido,
Sofrido,
Chorado e realizado...
Em nossas próprias vidas.*

Adolfo Bezerra de Menezes

...Avançar sem luz é impossível.

Emmanuel

Maurício:

Em meu nome, agradeço o carinho da atenção de vocês, o ensejo que nos propiciou a coordenação do convite e em nome da própria coordenação, passando a palavra ao Raul para as suas considerações finais. Com elas estaremos encerrando o nosso evento e faço minhas as considerações finais que Raul nos traga.

Raul:

Quero agradecer às UREs envolvidas neste trabalho, os trabalhadores destas regiões do Paraná, as quais aprendemos a bem-querer, a estimar muito, representando sempre um motivo de alegria, quando nos podemos reencontrar para tratar das coisas fabulosas, especiais, da nossa formosa Doutrina Espírita.

É tão importante ser espírita, meus irmãos, numa hora como a nossa, num tempo como o nosso. É certo que vamos enfrentar todo tipo de dificuldades. As que estão dentro de nós, as que estão ao nosso redor. Mas também não é menos verdade que vamos receber todas as possibilidades de superá-las, dentro de nós e em torno de nós.

Quero agradecer aos companheiros que organizaram este evento, pelo carinho com que nos recebem, com que nos envolvem. Agradecer a todos por essa paciência, por essa fraternidade, por esse carinho expresso nos gestos mais variados. Quero dizer-lhes que as nossas vidas não teriam sentido sem essa experiência tão maravilhosa da Doutrina Espírita. Recordo-me de que o Cristo espera de nós a lucidez, a coerência, na marcha por esse roteiro, que Ele nos concedeu por misericórdia de acréscimo.

Nossos destinos, amigos, é o destino das constelações. Nosso futuro é o futuro de bênçãos. Vale lembrar daquele homem que vivia nos Andes e tinha por hobby criar aves, espécimes raros. Onde encontrasse, comprava-as para o seu aviário especial. Um dia, caminhando por uma das regiões andinas, encontrou numa moita um pássaro completamente implume. Parecia ter caído de algum lugar, recém rompida a casca do ovo. Ele apanhou aquele pequeno animal, levou consigo com carinho no pequeno cesto e começou a tratá-lo. Os tempos passaram, muitos meses, anos e aquela ave se emplumara imensa, bonita. Como as outras aves, pipilava na sujidade do chão, à imundície, misturadas à ração. Um dia, enquanto aquele homem vistoriava seu aviário, olhando através

das telas laterais e o espaço aberto acima, percebeu que do céu azul vinha um pássaro imenso, uma ave enorme. Imediatamente ele a identificou. Era uma águia real. Em voos circulares foi baixando, aproximou-se do aviário e emitiu um grito. Aquela ave que ele guardava com tanto carinho, há tanto tempo, sentiu-se tocada por aquele grito e começou a rodopiar em torno do aviário. Desejou levantar voo, mas lhe faltavam as últimas plumas. A águia real desapareceu na imensidão azul.

Um ano depois, aproximadamente, a sua águia estava completa. Novamente ele vê sobrevoando o seu aviário a águia real. Voou mais baixo, emitiu um grito mais estridente. Dessa vez a sua ave tão carinhosamente criada abriu as asas imensas, rodopiou em torno do aviário e abriu no espaço o seu voo célere, acompanhando a outra, desaparecendo na imensidão, pois o destino das águias são os altos cumes.

Somos águias reais, amigos. Um dia, enquanto pipilávamos a imundície terrestre junto a tantos outros seres que povoavam a Terra, uma águia real desceu até nós, emitiu um grito imenso, na velha Judeia e tentamos segui-la.

Abrimos voo, mas nos faltavam ainda as plumagens da decisão, da renúncia, da coragem, da ousadia, da coerência, da lucidez. A águia se foi e ficamos para desenvolver o que nos faltava, compartilhando na Terra a sujidade do mundo.

Dezoito séculos foram necessários para que aquela águia real voltasse à Terra e emitisse um grito ímpar. Dessa feita seu grito foi no Palais Royal, no coração da cidade parisiense. A águia real, que antes se chamara Jesus de Nazaré, agora se chamava Espiritismo e emitiu um grito tão intenso que nos penetrou as fibras mais íntimas do ser. Sentimos o nosso parentesco com essa mensagem e começamos a abrir o nosso voo nesse aviário imenso da Humanidade.

Nada mais nos deterá. Nosso destino é a imensidão. O destino das águias é o cume das montanhas. Dessa vez estamos iniciando nosso voo planar, acompanhando essa águia real de beleza inabordável, que se chama Jesus.

Acompanhem-nos, amigos. Voejemos bem alto. Alcandoremos o voo sempre mais, porque a montanha da evolução não tem final. Cresceremos sempre abrindo essa volta celeste, nesse Teotropismo que antes passa pelo Cristo-

tropismo, essa busca do Cristo em nós, enquanto buscamos a Deus. Mas ninguém chegará ao Pai se não for por Ele.

Nesta tarde, guardemos n'alma essa certeza de que somos todos águias reais em pleno voo para a imensidade. Agradeçamos ao Homem de Nazaré, agradeçamos a esse Criador não criado da vida, o nosso Pai comum. Peçamos a Eles que nos abençoem, que nos fortifiquem o idealismo espírita, que nos iluminem a intimidade da alma e que nos despeçam em Sua paz. Muito obrigado e até sempre.

Em 29.3.2018.